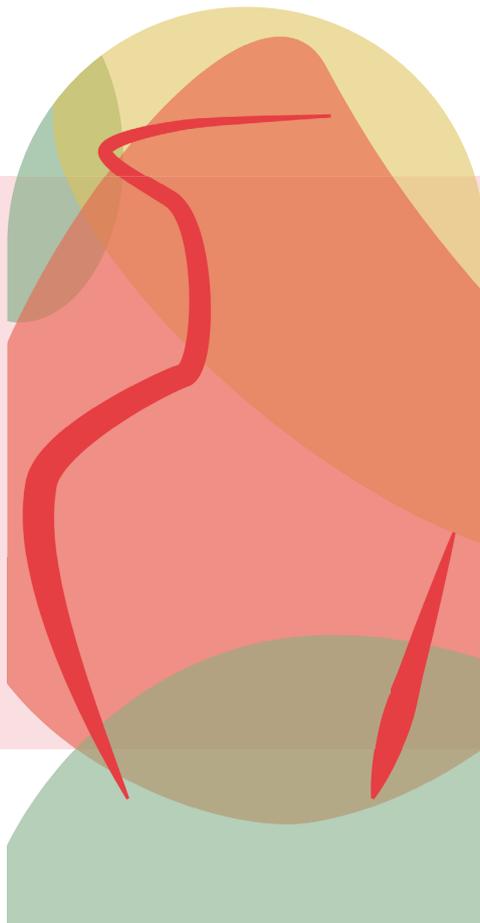


Relatos monçoeiros (1953):
um panegírico à “conquista do Brasil pelos brasileiros”
através do Rio Tietê

Relatos monçoeiros (1953):
a panegyric to the “conquista do Brasil pelos brasileiros”
across the Tietê river

volume 14 número 27 jun./dez. 2020



Jean Gomes de Souza¹

jhamgomes9@gmail.com

Cultura Material:
objetos, imagens e representações - 1/2

Resumo

Em 1953, a Livraria Martins Editora publicou o nono volume de sua Biblioteca Histórica Paulista, intitulado *Relatos monçoeiros*. Organizado pelo historiador Affonso d'Escragnolle Taunay, a obra congrega estudos introdutórios de sua autoria, documentos textuais dos séculos XVII e XVIII e documentos iconográficos relativos às monções, em sua maioria telas pertencentes ao acervo do Museu Paulista. Este artigo visa investigar o projeto editorial que orientou a formação de *Relatos monçoeiros* com o intuito de apreender aquilo que Affonso Taunay entendia por *monções*, assim como as consequências dessa perspectiva para o conhecimento acerca desse episódio histórico. Para isso, os textos e as imagens que compõem a obra serão examinados enquanto vestígios da compreensão que o seu organizador apresentava sobre a temática.

Palavras-chave: Relatos monçoeiros; Biblioteca Histórica Paulista; Affonso d'Escragnolle Taunay; Monções; Rio Tietê.

Abstract

In 1953 Livraria Martins Editora published the ninth volume of its Biblioteca Histórica Paulista, entitled *Relatos monçoeiros*. Organized by the historian Affonso d'Escragnolle Taunay, the assembles introductory studies of his own authorship, textual documents from the 17th and 18th centuries and iconographic documents related to monsoons, most of them from the collection of the Museu Paulista. This article aims to investigate the editorial project that has guided the formation of *Relatos monçoeiros* in order to verify what Affonso Taunay understood by monsoons, as well as the consequences of this perspective for the knowledge of this historical episode. To this end, the texts and images that compose the work will be examined as traces of the understanding that the organizer presented on the theme.

Keywords: Relatos monçoeiros; Biblioteca Histórica Paulista; Affonso d'Escragnolle Taunay; Monsoons; Tietê river.

¹ Bacharel e licenciado em História pela USP, São Paulo-SP, mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da mesma universidade. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Email: jhamgomes9@gmail.com.

Introdução

No ano de 1953 o historiador Afonso d'Escragnole Taunay lançou *Relatos monçoeiros*, obra constituída por estudos autorais, fontes textuais e iconográficas concernentes às monções, expedições fluviais de povoamento e abastecimento que ligavam Araritaguaba (atual Porto Feliz, SP) a Cuiabá ao longo do século XVIII e parte do século XIX. Esse era o nono volume da Biblioteca Histórica Paulista, coleção idealizada por José de Barros Martins como um oferecimento da Livraria Martins Editora ao IV Centenário da Cidade de São Paulo, a ser comemorado em 1954.

A temática das monções se fez presente ao longo de quase toda a carreira de Affonso Taunay. Entre os anos de 1920 e 1950, constata-se inúmeras produções atinentes ao assunto, tais como discursos, exposições, artigos de jornal, opúsculos, capítulos e livros. *Relatos monçoeiros* pode ser lido como síntese e ponto final dessa trajetória, posto que seu organizador veio a falecer cinco anos após a publicação.

Um livro, de acordo com Donald Francis McKenzie (2018, p. 15), nunca é apenas um objeto admirável, posto que é um “produto da agência humana em contextos altamente voláteis”. Segundo o bibliógrafo, aquele que se dispõe a compreender a “criação e a comunicação de significado como as características definidoras das sociedades humanas” deve procurar recuperar esses contextos, processo no qual se faz necessário estar

atento para a relação entre *forma*, *função* e *significado simbólico* existente entre os signos constituintes do livro estudado (MCKENZIE, p. 15 e 23).

Tal como observou Gérard Genette (2009, p. 9), os textos raramente encontram-se nus: acham-se acompanhados de elementos que os prolongam e os apresentam, os tornam presentes a fim de possibilitar a sua circulação. Nesse sentido, capa, coleções, página de rosto, notas, entre outros *paratextos editoriais*, são itens por meio dos quais “um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público”. Trata-se de lugares estratégicos de ação sobre o público geral, por meio dos quais seus autores e aliados propõem aquilo que, a seus olhos, é “uma leitura mais pertinente” do texto (GENETTE, p. 9 e 10).

Sendo o livro um artefato, fruto da intervenção e da modelação humana de parte do meio físico consoante a propósitos e normas culturais, *Relatos monçoeiros* será considerado como *vetor* e *produto* de relações sociais (MENESES, 1983, p. 112-113). A partir do estudo de sua materialidade, este artigo objetiva perscrutar o projeto editorial que orientou a sua composição a fim de compreender como Affonso Taunay concebia as monções, bem como as implicações dessa concepção para o estudo desse episódio histórico. Para tanto, analisaremos a seleção de textos e imagens que o constituem enquanto indícios do entendimento que o seu organizador possuía da temática à qual a obra é dedicada.

1. A Biblioteca Histórica Paulista: um oferecimento da Livraria Martins Editora ao IV Centenário da Cidade de São Paulo

Em 1954 a cidade de São Paulo completou 400 anos de fundação. A ocasião contou com um vasto programa de atividades comemorativas, através do qual a elite paulistana almejava projetar a urbe aniversariante como uma das metrópoles mais modernas do planeta e consolidar sua liderança no cenário nacional. Para isso, foi criada a Comissão do IV Centenário. Embora fosse uma iniciativa do poder público, ela estava intimamente associada aos setores industriais e comerciais, responsáveis pela pujança da economia da cidade nas últimas décadas (LOFEGO, 2004, p. 52).

As efemérides do IV Centenário organizaram-se em função de dois eixos: a construção da história de São Paulo, mediante a publicação de novos estudos ou da reedição de obras fora de circulação alinhadas aos propósitos da Comissão, e a criação e difusão de propagandas orientadas por esses estudos. Ao analisar o material publicitário concebido pelo setor privado, Silvio Lofego (2004, p. 113 e 160) identificou a presença recorrente de imagens de indígenas, jesuítas e, principalmente, de bandeirantes, os quais foram alçados ao papel de ícones da história de São Paulo: os primeiros como emblema de sua fundação, o último como símbolo de seu desenvolvimento.

O mercado editorial paulista se viu impulsionado pelos preparativos dos festejos entre fins da década de 1940 e início da subsequente. Não foram poucas as iniciativas editoriais surgidas sob esse estímulo. Dentre elas, destacam-se a Biblioteca do IV Centenário, executada pela Comissão organizadora das solenidades, as obras *História das bandeiras paulistas* (1951), *Velho São Paulo* (1952), *Ensaio de carta geral das bandeiras paulistas* (1952) e *História da Cidade de São Paulo* (1953), encomendadas a Afonso Taunay pela Melhoramentos (O Cruzeiro, 17/10/1953, p. 28; SCHNEIDER, 1953, p. 9), e a Biblioteca Histórica Paulista, lançada pela Livraria Martins Editora.

A Biblioteca Histórica Paulista era formada por 10 títulos concernentes à história da capitania e província de São Paulo, publicados de 1952 a 1954. Do total, sete eram reedições e três encontravam-se inéditos², entre os quais constava *Relatos monçoeiros* (1953), o nono volume da coleção. Seu idealizador, o editor e livreiro José de Barros Martins, era claro quanto àquilo que ambicionava com essa iniciativa: oferecer ao público “velhos textos de nossa paulística” (195–, s. p.), há muito tempo esgotados, por ele considerados “indispensáveis para o conhecimento da história de nossa terra (1953, p. 38).

Martins (1953, p. 38) via nesse novo selo a oportunidade de expressar a admiração pelos “nossos ancestrais, desbravadores e construtores da Nação”, papel

² São eles: Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo, em dois tomos, de Manuel Eufrásio de Azevedo Marques (vol. I, 1952); Peregrinação pela Província de São Paulo, de Augusto Emilio Zaluar (vol. II, 1953); Memórias para a história da Capitania de São Vicente, de Frei Gaspar da Madre de Deus (vol. III, 1953); Nobiliarchia paulistana histórica e genealógica, em 3 tomos, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme (vol. IV, 1953); Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, de Johann Jakob von Tschudi (vol. V, 1953); Segunda viagem à São Paulo e quadro histórico da província de São Paulo, de Augusto de Saint-Hilaire (vol. VI, 1953); Relatos sertanistas, organizado por Afonso d'E. Taunay (vol. VII, 1953); Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá, de Luiz D'Alincourt (vol. VIII, 1953); Relatos monçoeiros, organizado por Afonso d'E. Taunay (vol. IX, 1953); Notícias das minas de São Paulo e dos sertões da mesma capitania, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme (vol. X, 1954). São inéditos os volumes VII, IX e X.

³ Expressa do seguinte modo: "A história de S. Paulo é a própria história do Brasil". Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 1, 1885, p. 1.

que ele atribuía exclusivamente aos paulistas. Em diversas ocasiões o editor demonstrou estar afinado com a historiografia sobre São Paulo produzida na primeira metade do século XX empenhada na mitificação do passado paulista. Isso porque era público e notório a sua concordância com a visão de que o estudo da história de São Paulo equivalia ao estudo da história do Brasil (MARTINS, 1953, p. 38). Essa ideia teria sido expressada pelo Visconde de São Leopoldo (1774-1847), presidente perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), cuja máxima "A história da Capitania de São Vicente será a história Geral do Brasil" consta como epígrafe do *Catálogo da Biblioteca Histórica Paulista* (CATÁLOGO, 195-) e como frase de abertura do primeiro volume da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (RIHGSP)³, periódico de uma das principais instituições responsáveis pela elaboração e disseminação do ufanismo paulista (ABUD, 1999).

Assim sendo, é compreensível que José de Barros Martins tenha escolhido Affonso Taunay para coordenar a nova coleção, visto que ele foi um dos maiores defensores da imagem do paulista como construtor do território brasileiro (ABUD, 1999, p. 78). Na opinião de Martins (1953, p. 38), esse "grande historiador" era "o homem mais capaz para dirigir e orientar uma Biblioteca Histórica Paulista". Afora o alinhamento ideológico com o editor, a essa altura de sua carreira Affonso Taunay gozava de enorme prestígio entre a *intelligentsia* brasileira, tendo sido diretor do Museu Paulista (1917-1945), professor da

Universidade de São Paulo (1934-1937), membro de agremiações do Brasil e do exterior, tais como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), o IHGB, a Academia Brasileira de Letras e a *American Historical Association*, além de autor de inúmeras obras.

Os volumes da edição de luxo da Biblioteca Histórica Paulista medem 24,7 cm de comprimento x 18,5 cm de largura e apresentam a mesma capa, lombada e contracapa. Seu exterior foi composto predominantemente na cor vermelha, com exceção dos seguintes elementos da lombada: duas faixas horizontais azuis com bordas douradas, nas quais, na superior, lê-se o nome do autor ou organizador da obra e, na inferior, seu título. Ao centro da lombada vê-se uma pequena espada na cor dourada envolta por um cinto e uma fivela. Logo abaixo situa-se, também em dourado, a indicação da ordem que o título ocupa na coleção (Imagem 1).

Imagem 1 – Lombada de *Relatos monçoeiros* (1953)



Fonte: reprodução do autor.

Os elementos que integram a capa e a contracapa dos livros da coleção foram gravados em baixo-relevo. No que concerne à capa, na parte superior, consta o título da coleção em caixa alta, rodeado por um adorno. Ao centro situa-se a reprodução de uma ilustração da Igreja do Colégio dos Jesuítas de São Paulo (Imagem 2). Toda ela é envolvida por um ornamento que se assemelha a uma corrente, presente também na contracapa. Esta, para além do enfeite, conta com um único elemento: o desenho de um gibão, no primeiro plano, atrás do qual se localizam, no segundo plano, um machado e uma espada cruzados (Imagem 3).

Imagem 2 – Capa de *Relatos monçoeiros* (1953)

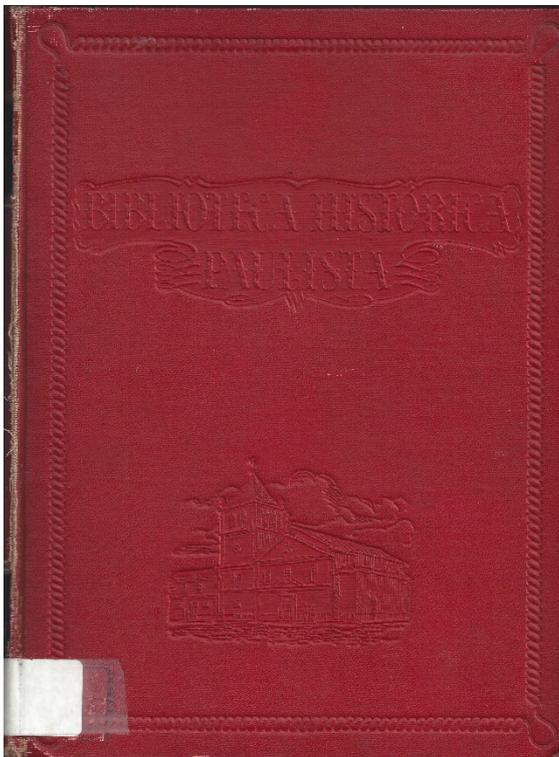
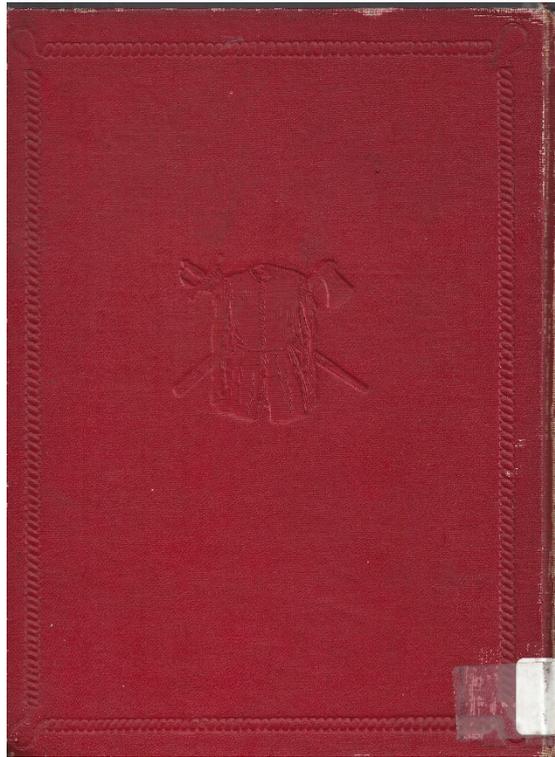


Imagem 3 – Contracapa de *Relatos monçoeiros* (1953)



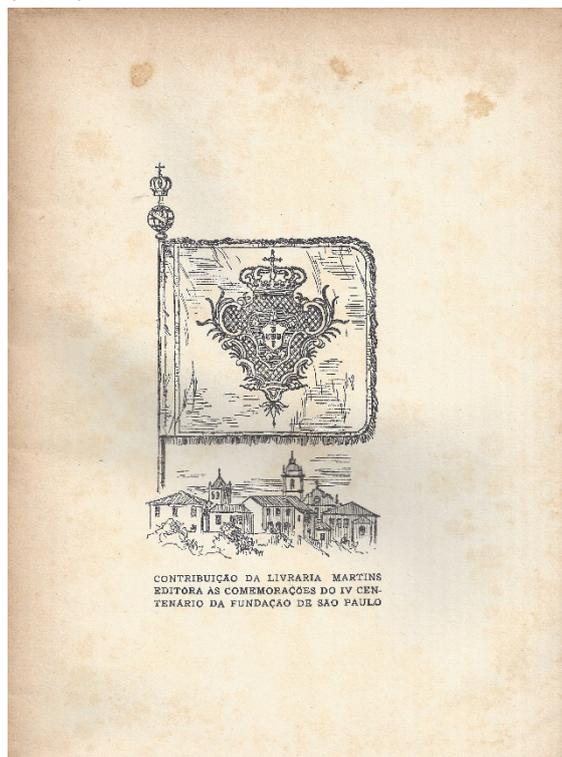
Fonte: reprodução do autor.

Gibão, espada e cinto afivelado estão entre os itens que compõem o cânone da representação pictórica dos bandeirantes. De acordo com Paulo Garcez Marins (2020), Affonso Taunay, como diretor do Museu Paulista, foi fundamental no processo que resultou na associação entre gibão e bandeirante, haja vista que as telas sobre essa temática por ele encomendadas foram um dos principais veículos de divulgação dessa leitura. Como nos mostra o autor, através de uma operação intelectual anacrônica, Taunay associou o gibão utilizado por um soldado indígena de Mogi das Cruzes retratado em uma gravura de Debret, datada do século XIX, às vestimentas dos bandeirantes dos séculos XVII e XVIII descritas

textualmente nos documentos coevos (MARINS, 2020).

O selo da coleção ocupa uma página inteira e está localizado entre a folha de guarda e a folha de rosto dos livros. Ele é formado pela estampa da vista da Várzea do Carmo encimada por uma flâmula sustentada por um mastro, no topo do qual figura uma esfera armilar e uma coroa. Essa composição é acompanhada dos dizeres "CONTRIBUIÇÃO DA LIVRARIA MARTINS EDITORA ÀS COMEMORAÇÕES DO IV CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO" (Imagem 4). A função do selo de uma coleção, segundo Genette (2009, p. 26), é indicar ao potencial leitor o tipo ou o gênero de obra à sua frente. No caso em questão, o selo da Biblioteca Histórica Paulista se reporta não só à São Paulo colonial, mas também às efemérides dos quatrocentos anos da cidade.

Imagem 4 - Selo da coleção Biblioteca Histórica Paulista em *Relatos monçoeiros* (1953)

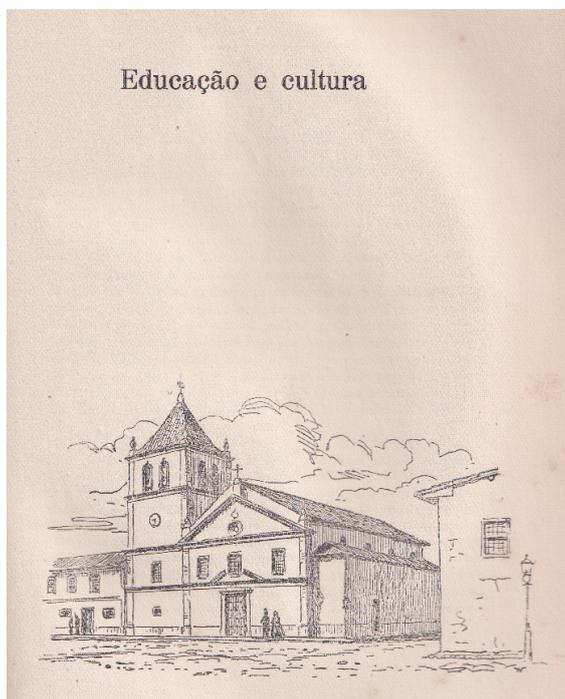


Fonte: reprodução do autor.

Se o trabalho com imagens impele o pesquisador a percorrer o circuito de sua produção, circulação, consumo e ação, já que o sentido delas não é imanente (MENESES, 2003, p. 28-29), é digno de nota que as imagens apresentadas acima não foram criadas exclusivamente para a Biblioteca Histórica Paulista. De autoria de José Wasth Rodrigues, ilustrador da Livraria Martins Editora e um dos vários artistas a quem Affonso Taunay encomendou diversos trabalhos para o acervo do Museu Paulista, é possível flagrá-las em obras publicadas nas décadas anteriores.

As imagens difundidas nas capas, lombadas, contracapas e no selo da coleção podem ser localizadas na edição de 1943 de *Vida e morte do bandeirante*, de Alcântara Machado, publicado pela Martins. Nessa obra, em sua maior parte, elas encontram-se situadas na abertura de alguns dos capítulos que a compõem (Imagens 5, 6, 7 e 8). A partir dessa edição, é possível identificar que a flâmula que constitui o selo da Biblioteca Histórica Paulista é uma réplica do estandarte do Senado da Câmara de São Paulo no século XVIII, delineada a partir de um exemplar datado dessa mesma centúria pertencente ao Museu Paulista. Todavia, essa não era a primeira ocasião na qual José Wasth Rodrigues havia desenhado o brasão que ocupa todo o seu centro, haja vista tratar-se de uma cópia do escudo de D. João V (Imagem 9), o qual havia sido ilustrado por Rodrigues em *Brazões e bandeiras do Brasil* (1933), livro de autoria de Clóvis Pereira (BORREGO; SOUZA, 2019, p. 284-285).

Imagem 5 – Desenho de José Wash Rodrigues para *Vida e morte do bandeirante* (1943)



Fonte: reprodução de José Renato Galvão.

Imagem 6 – Desenho de José Wash Rodrigues para *Vida e morte do bandeirante* (1943)



Fonte: reprodução de José Renato Galvão.

Imagem 7 – Desenho de José Wash Rodrigues para *Vida e morte do bandeirante* (1943)



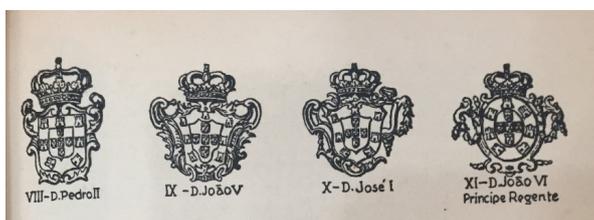
Fonte: reprodução de José Renato Galvão.

Imagem 8 – Desenho de José Wash Rodrigues para *Vida e morte do bandeirante* (1943)



Fonte: reprodução de José Renato Galvão.

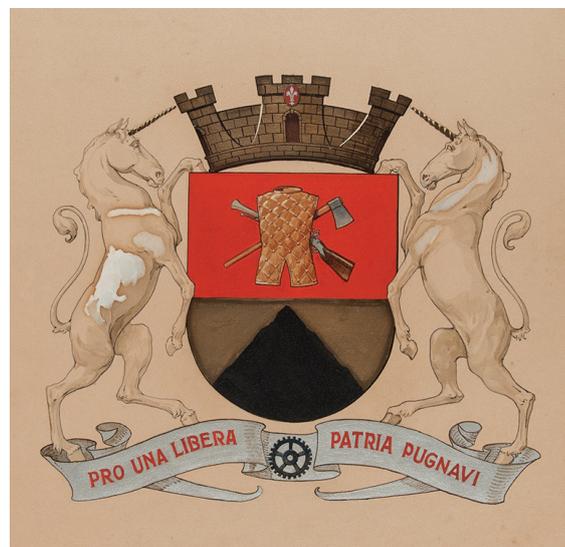
Imagem 9 – Detalhe dos brasões desenhados por José Wasth Rodrigues em *Brazões e bandeiras do Brasil* (1933). Destaque para o brasão número IX.



Fonte: reprodução do autor

Cabe ressaltar, ainda, que a ideia de uma figura formada por um gibão sobrepondo duas armas cruzadas não era novidadeira nem mesmo se tratando de *Vida e morte do bandeirante*. Isso porque, em parceria com Affonso Taunay, José Wasth Rodrigues desenhou uma série de brasões municipais, entre os quais encontra-se o brasão da cidade de Sorocaba, oficializado em 1925 (MARINS, 2020, p. 423), no qual esse mesmo conceito fora utilizado (Imagem 10). A diferença observada entre elas, para além do formato do gibão, diz respeito às armas representadas: machado e espada na figura reproduzida nos livros, machado e bacamarte no brasão.

Imagem 10 – Brasão de Sorocaba. Concepção de Affonso Taunay. Desenho de José Wasth Rodrigues. Tinta guache e aquarela sobre papel. 44,3 cm x 42,2 cm.



Fonte: Acervo do Museu Paulista. Fotografia de José Rosael e Helio Nobre.

Em síntese, antes mesmo de aceder aos textos encerrados nos volumes da Biblioteca Histórica Paulista, o público tem, diante de si, um artefato cuja cor predominante é o vermelho, cor quente, que alude ao vigor, ao sangue. Se na capa a imagem da Igreja do Colégio remonta à fundação da cidade de São Paulo, as armas brancas localizadas na lombada e na contracapa aludem à bravura, à intrepidez. Porém, é o gibão a peça que nos permite vincular todos esses elementos àquele que foi um dos símbolos mais utilizados pelo IV Centenário, o bandeirante, visto que essa indumentária, tal como afirmou Paulo Garcez Marins (2020, p. 414), tornou-se sua metonímia após ter sido associada a ele sistematicamente.

Por último, é notório que o bandeirante evocado materialmente na parte externa dos livros

dessa coleção não é o bandeirante substantivo, o indivíduo participante de uma bandeira. Como concluiu Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992, p. 85), a partir de 1932, ser bandeirante/paulista deixou de ser definido pelo vínculo familiar com os “heróis” de outrora e “tornou-se principalmente aquele que, construindo o futuro, mostra-se digno dos ancestrais”. Assim sendo, o bandeirante da Biblioteca Histórica Paulista e do IV Centenário é o bandeirante adjetivo, sinônimo de paulista; por evocar atributos como impavidez, determinação e valentia, foi amplamente empregado em meados do século XX, a fim de amalgamar as diferentes identidades que constituíam a urbe aniversariante nesse período, fruto dos intensos fluxos imigratórios e migratórios dos quais ela foi palco na primeira metade da centúria.

2. Os estudos introdutórios e a bibliografia monçoeira

Relatos monçoeiros conta com 273 páginas. Cerca de um terço delas corresponde aos estudos de autoria de Affonso Taunay dedicados aos mais diversos aspectos das monções, os quais totalizam 20 capítulos. Esses textos, em sua grande maioria, não são inteiramente inéditos. Isso porque remontam, em primeiro lugar, a 15 artigos de Taunay publicados no *Jornal do Commercio* (RJ) entre as décadas de 1940 e 1950 e, em segundo lugar, a segunda parte do tomo XI de *História geral das bandeiras paulistas* (HGBP) (1950), dedicada às monções. Tal constatação é reveladora do método de trabalho desse historiador, pautado pelo reaproveitamento de numerosos escritos de sua própria lavra produzidos em períodos distintos de sua carreira (Imagem 11).

Imagem 11 – Quadro de correspondências dos capítulos de *Relatos monçoeiros* com *História geral das bandeiras paulistas* e o *Jornal do Commercio* (RJ) (continua)

Relatos monçoeiros (1953)	História geral das bandeiras paulistas (tomo XI, 1950)	Jornal do Commercio (RJ)
I – Introdução	Cap. I – O Tietê, instrumento máximo de penetração do Brasil Sul Ocidental	“A grande via secular de Oeste”, JC (RJ), 23/01/1944
II – Papel capital do Tietê nos fastos da conquista ocidental – O episódio das monções cuiabanas impar nos anais da História Universal – O Tietê e o São Francisco – As primeiras navegações para o oeste – Anhenby e Tietê	Cap. II – Idem	(Sem correspondência, após 1948)
III – As discussões sobre o significado de Tietê – A dupla prosódia Tietê e Tietê	Cap. III – Idem	(Sem correspondência, após 1948)
IV – Bibliografia Monçoeira [sic] principal até hoje desvendada. – Subsídios recentes provindos dos arquivos portugueses	Cap. IV – Idem	(Sem correspondência, após 1948)
V – A bibliografia antiga e moderna das monções – Novos, abundantes e valiosos itens inéditos – A contribuição das “Notícias Práticas” da coleção Diogo Juarez – O relato de Gervásio Leite Rebelo	Cap. V – Idem	(Sem correspondência)
VI – A “Notícia Prática” de João A. Cabral Camelo – Depoimento inédito sobre o destroço da monção do ouvidor Lanhas Peixoto pelos Paiaguás	Cap. VII – Idem	“A Catástrofe do Ouvidor Lanhas Peixoto (1730)”, JC (RJ), 24/04, 1949
VII – A 16 de abril de 1734 entregou João Antonio Cabral Camelo o seu relato ao padre Diogo Juarez	(Sem correspondência)	“Batalhas Fluviais (1730)”, JC (RJ), 1/05/1949
VIII – [sem título]	Cap. IX – Destino dos prisioneiros dos Payaguás capturados da monção de Lanhas Peixoto. O depoimento de Dom Carlos de los Reyes Balmaceda sobre a sorte dos cativos portugueses e do ouro tomado aos monçoeiros	(Sem correspondência)
IX – [sem título]	Cap. X – Mais um documento inédito e valioso. O relatório de Manuel de Barros sobre o percurso monçoeiro. Abundancia de informações e pormenores	“Potamografia Monçoeira”, JC (RJ), 3/07/1949
X – [sem título]	Cap. XI – Roteiro anônimo de um informador dos riscos da navegação monçoeira	“Novo roteiro de monções”, JC (RJ), 10/07/1949
XI – Iconografia das Monções – A contribuição notabilíssima documental de Hercules Florence, única e insubstituível	Cap. XII – Idem	“Iconografia das Monções”, JC (RJ), 30/05/ 1943; “Lendária e iconografia das Monções”, JC (RJ), 22/12/1950
XII – A navegação dos rios monçoeiros e seus riscos – Depoimentos diversos e concordes – As preciosas informações de Teotônio José Juzarte – Curioso depoimento de D. Manuel de Flores	Cap. XIII – Idem	“Através de Itaipavas, Jupias e Tucumduvas”, JC (RJ), 18/06/1950

Imagem 11 – Quadro de correspondências dos capítulos de *Relatos monçoeiros* com *História geral das bandeiras paulistas* e o *Jornal do Commercio* (RJ) (continuação)

XIII – As distâncias do percurso monçoeiro – Operações astronômicas de Lacerda e Almeida – Depoimentos de Ordonhes, Sá e Faria e Cândido Xavier de Almeida e Sousa	Cap. XIV – Idem	“Por entre rebojos, cachoeiras e saltos”, JC (RJ), 25/06/1950
XIV – As flotilhas monçoeiras. – Canôas e canoões, ajoujos, balsas. – Informes preciosos de Juzarte. – Os camarotes. – A tripulação – Acomodação da carga – aprovisionamento dos barcos – As agruras sofridas pelos embarcadiços – O mais antigo documento monçoeiro	Cap. XV – Idem	“Flotilhas Monçoeiras”, JC (RJ), 05/11/1950
XV – Observações climatéricas e nosológicas dos autores monçoeiros – Disenteria, psicoses, paludismo. Os recursos venatórios do trajeto monçoeiro, setos e amuletos – Teriagas – As pragas das viagens monçoeiras.	Cap. XVI – As observações climatéricas e nosológicas dos autores monçoeiros. Disenteria, psicoses, paludismo. Os recursos farmacêuticos da época. Antídotos e amuletos. Teriagas. As pragas das viagens monçoeiras. Insetos e Aracnídeos	“Climatologia e nosologia monçoeiras”, JC (RJ), 23/07/1950
XVI – Os recursos das monções havidos da agricultura sertaneja – Preços dos viveres – Camapuan, oasis civilizado – Incidentes de viagem.	Cap. XVII – Idem	“Recursos das jornadas monçoeiras”, JC (RJ), 30/07/1950.
XVII – Os recursos venatórios do trajeto monçoeiro, segundo os diversos documentos. – Pesca e caça ao longo dos rios	Cap. XVIII – Idem	“Recursos venatórios monçoeiros”, JC (RJ), 13/08/1950
XVIII – Os índios ribeirinhos do percurso monçoeiro – Paiaguás, Guaicurús, Caiapós, Bororós – Os perigos da sua presença – Ameaças e precauções.	Cap. XIX – Idem	“Monçoeiros e Índios”, JC (RJ), 06/08/1950
XIX – Lendário e Hagiografia do Tietê – Anchieta e o Abaremanduava – Belchior de Pontes e o padre Pompeu – Frei Galvão e Manuel de Porte – A Nau Catarincta de Juzarte – As Iaras de Lacerda e Almeida	Cap. XX – Idem	“A grande via secular de Oeste”, JC (RJ), 30/01/1944
XX – Cartografia das monções dos séculos XVII e XVIII	Cap. XXI – Idem	“Cartografia monçoeira”, JC (RJ), 30/10/1949

Fonte: Elaboração do autor.

Para dois desses capítulos, os de número I e XIX, constatou-se uma origem ainda mais recuada no tempo: o discurso proferido por Affonso Taunay em 1920, quando da inauguração do Monumento às Monções, em Porto Feliz (antiga Araritaguaba), localidade na qual era realizado o embarque das monções. Intitulado *À glória das monções*, ele foi publicado como artigo de jornal no *Correio Paulistano* em 28 de abril de 1920, dois dias após ter sido proferido; como opúsculo homônimo nesse mesmo ano; e como o terceiro capítulo do livro *Índios! Ouro! Pedras!* (1926). Além disso, foi possível identificar extensas passagens desse texto na conferência *O bandeirismo e os primeiros caminhos do Brasil* proferida por Taunay no *Curso de bandeirologia* (1946), oferecido pelo Departamento Estadual de Informação através de 12 conferências públicas realizadas na Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo, entre 16 de maio e 12 de dezembro de 1946 (FERRETTI, 2009).

São três os pontos a partir dos quais podemos relacionar *À glória das monções* a *Relatos monçoeiros*: o alto grau de semelhança textual com os capítulos supracitados, a manutenção da visão geral do autor sobre as monções e a preservação dos tópicos temáticos que a caracteriza, sendo os dois últimos consequência do primeiro. O capítulo I de *Relatos monçoeiros* encontra-se inteiramente contido no discurso de 1920. As mudanças observadas são caracterizadas pela substituição de alguns vocá-

bulos ou pela reformulação de algumas orações e parágrafos, mas sem que tenha havido alterações significativas quanto ao seu sentido. Sobre o capítulo XIX, boa parte dos episódios nele narrados, como a nau catarineta de Juzarte, a queda de Anchieta nas águas do Tietê e o milagre de Belchior de Pontes, foram copiados a partir do discurso.

Diante do público seleto que o ouvia na inauguração do monumento, Affonso Taunay (1920, p. 4) se propôs a exaltar o que chamou de "a conquista do Brasil pelos brasileiros", através da exposição de "modestas pesquisas sobre o bandeirismo paulista". Ao Rio Tietê, o primeiro dos dois protagonistas dessa saga, ele atribui um papel ímpar entre as vias de penetração do Brasil, posto que, em sua perspectiva, nenhum outro rio teve tão grande significância na construção territorial do país.

A narrativa de Affonso Taunay sobre as monções é marcada pela constante menção às dificuldades enfrentadas por aqueles que se propuseram a navegar o "velho Anhemby". Constata-se que através desse recurso o historiador arregimenta elementos que respaldam a heroificação do segundo protagonista dessa história, os paulistas, aqueles que, na sua concepção, foram capazes de vencer as adversidades impostas por esse rio que se apresentava como um legítimo adversário, obra cujo legado pode ser medido através da verificação da extensão territorial do Brasil contemporâneo. Aos seus olhos, a magnitude dessa proeza se

⁴ Referimo-nos, aqui, ao sexto verso da primeira estrofe do Canto primeiro de Os Lusíadas: “As armas, & os barões assinalados / Que da Occidental praya Lusitana, / Por mares nunca de antes navegados, / Passaram, ainda alem da Taprobana, / Em perigos, e guerras esforçados, / Mais do que prometia a força humana. / E entre gente remota edificarão / Nouo Reino, que tanto sublimarão”. CAMOËS, Luís de. OS LUSÍADAS. Lisboa: em casa de Antonio Góçalvez Impressor, 1572, p. 1.

igualava às grandes navegações lusitanas louvadas por Camões, pois, para explicar o sucesso das monções e seus desdobramentos, afirma que ele só foi possível graças ao fato de os paulistas estarem “acostumados a fazer mais do que promete a força humana” (TAUNAY, 1953, p. 10)⁴. Em virtude de sua “originalidade”, ao inseri-la “com o maior relêvo nos anaes do bandeirantismo de São Paulo”, Taunay (1953, p. 13) não hesita em rotular as monções como um acontecimento único não só nos fastos nacionais, mas também nos do Universo.

Em À glória das monções, Affonso Taunay discorre acerca de vários assuntos relativos à temática sobre os quais veio a se dedicar nas décadas seguintes. Os resultados dessas pesquisas deram origem aos artigos veiculados no *Jornal do Commercio*, posteriormente adaptados para a construção de HGBP e *Relatos monçoeiros*. Ali, já é possível constatar entre suas preocupações discussões sobre o papel do Tietê na conquista do Brasil, a navegação monçoeira e seus riscos, as embarcações utilizadas, o lendário e a hagiografia do Tietê, a iconografia e a cartografia das monções. Nesse sentido, À glória das monções pode ser interpretado como uma espécie de programa de estudos, visto que é notório o esforço empreendido por Taunay a partir de 1920 em buscar documentos textuais e em elaborar documentos iconográficos que pudessem subsidiar o aprofundamento das questões brevemente abordadas no discurso.

Entretanto, a descoberta de novas fontes e o estudo pormenorizado de diversos aspectos das monções não resultou na revisão de suas interpretações gerais a respeito desse episódio histórico. Ao construir *Relatos monçoeiros* a partir de textos produzidos em outras circunstâncias, cujas ideias principais remontam À glória das monções, Affonso Taunay validou após 33 anos as mesmas perspectivas a respeito da temática expressas ao público quando da inauguração do Monumento às Monções no longínquo ano de 1920.

Os outros dois terços de *Relatos monçoeiros* são formados por aquilo que Affonso Taunay denominou de bibliografia e iconografia monçoeiras. A bibliografia monçoeira, de acordo com sua proposta, é formada por um conjunto de fontes textuais de autoria diversa, produzidas entre os séculos XVII e XVIII. São elas: *Carta do Capitão General Governador do Paraguai, Dom Luiz de Céspedes Xeria a Felipe IV sobre sua navegação no Tietê e no Paraná (1628)*; *Notícia 6ª Prática*; *Notícia 1ª Prática*; *Notícia 2ª Prática*; *Notícia 3ª Prática*; *Notícia 4ª Prática*; *Notícia 7ª Prática*; *Notícia 8ª Prática*; *Relação da viagem, que fêz o Conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, da cidade de S. Paulo para a vila de Cuiabá em 1751*; *Carta de um passageiro de Monção (1785)*; e *Diário da navegação do Rio Tietê, Rio Grande, e Rio Gatemi, pelo Sargento-Mor Theotônio José Juzarte*.

Do conjunto constituinte da bibliografia monçoeira merecem destaque as *Notícias Práticas*, uma vez

que Affonso Taunay atribui a elas a razão da escrita da segunda parte do tomo final de HGBP, dedicada às monções. Essa coleção, salva-guardada na Biblioteca Pública de Évora, têm sua origem na recolha documental realizada pelo padre matemático Diogo Soares na primeira metade do século XVIII a fim de subsidiar a feitura de cartas geográficas da América portuguesa, tarefa para a qual fora incumbido por D. João V em 1729 (SOUZA, 2020, p. 7). Das nove narrativas que a compõem, seis permaneceram inéditas até o final da década de 1940, quando Taunay as descobriu e as mandou copiar. Porém, no tomo XI de HGBP, elas não foram publicadas integralmente. O que o autor ofereceu ao público foi a citação de seu conteúdo entre aspas, mesclando-a com trechos de sua própria autoria. Destarte, as diferenças entre os capítulos de HGBP e *Relatos monçoeiros* podem ser explicadas em função da necessidade de adaptação desses textos ao novo projeto editorial, no qual as *Notícias Práticas* foram impressas em sua totalidade (BORREGO; SOUZA, 2019, p. 287).

Genericamente, as fontes textuais editadas em *Relatos monçoeiros* narram viagens pelos rios da Bacia Platina entre os séculos XVII e XVIII. As jornadas descritas pelos seus autores foram empreendidas por motivos diversos, tais como a tomada de posse em cargos régios, o cumprimento de ordens reais, a exploração aurífera e o trato mercantil. Embora sejam distintas entre si, sua reunião em um mesmo volume

parece ter sido pautada por exprimirem um elemento em comum: a navegação do Rio Tietê, entendida como sinônimo de monção. Seja lá qual tenha sido o destino de cada um dos autores – por exemplo, o Paraguaí, o Cuiabá ou o Iguatemi –, todos se valeram do caudal paulista como via de penetração do território.

Ainda que Affonso Taunay (1953, p. 7) defenda que a navegação tieteana era praticada desde tempos imemoriais e que dela teriam se valido os primeiros europeus povoadores de Piratininga, é a carta de Céspedes de Xeria, redigida em 1628, o documento mais antigo de que ele dispõe para fundamentar essa alegação, fato do qual deriva o destaque atribuído a esse escrito. Para Taunay (1953, p. 9), a partir da viagem de Céspedes, sem o respaldo de qualquer outra fonte, pelas “águas do Tietê começam cada vez mais freqüentes, a descer as bandeiras cativadoras de índios e pesquisadores de ouro”.

A frase supracitada é reveladora dos dois propósitos a partir dos quais a navegação do Tietê passa a ser mais frequente sob a ótica de Affonso Taunay: a escravização de indígenas e a prospecção de jazidas auríferas, práticas definidoras do bandeirismo. Ora, se Taunay compreende as monções como sinônimo da navegação tieteana e atribui à sua regularidade os mesmos fins que orientaram as bandeiras, pode-se concluir que ele concebe as monções como a fase fluvial das bandeiras⁵. Esta se diferenciaria da fase precedente, a territorial, no que

⁵ Em um artigo intitulado “Telas e Estátuas do Museu Paulista”, publicado no *Jornal do Commercio* (RJ) em 27 de abril de 1947, Taunay se refere aos monçoeiros como “bandeirantes navegadores do Tietê”.

⁶ “Outro grande erro, do qual não têm escapado nem mesmo muitos historiadores de certo renome, consiste na suposição de que o movimento expansionista das bandeiras se deu pelas vias fluviais. O Tieté, o velho Anhemby, à primeira vista, parece ter sido o grande canal que determinou o bandeirismo, foi desconhecido de grande parte do movimento” (ELLIS JÚNIOR, 1934, p. 44).

diz respeito a dois pontos: as vias de tráfego – os rios –, e aquele que na visão do historiador foi o seu resultado mais louvável, a delimitação de “nossa fronteira ocidental mato-grossense num *uti possidetis* a que o Tratado de Madri, em 1730 [sic], daria rigor jurídico” (TAUNAY, 1951, tomo II, p. 303). Isso porque, para o autor, a fase territorial das bandeiras pouco contribuiu na expansão territorial dos domínios portugueses na América, já que a natureza dessas expedições implicava a “prática do nomadismo” (TAUNAY, 1951, tomo II, p. 317).

Quem se dispuser a ler a bibliografia monçoeira organizada por Affonso Taunay não encontrará em suas páginas as duas causas as quais ele imputa o início da assiduidade das monções: o apresamento de indígenas e a busca por minas auríferas. As referências ao ouro, quando são feitas, estão relacionadas à exploração de veios auríferos já conhecidos, não à expectativa de novas descobertas. Nesse sentido constata-se uma divergência profunda entre ele e outro estudioso das monções: Sérgio Buarque de Holanda.

O ponto de partida da discordância entre ambos historiadores é o papel atribuído aos rios tanto nas bandeiras quanto nas monções. Holanda, em consonância com uma posição defendida anteriormente por Alfredo Ellis Júnior (1934)⁶, afirma que nas bandeiras os cursos d’água são obstáculos às marchas dos sertanistas, que as embarcações são empregues ocasionalmente, quando a marcha é inviável

(2014, p. 106). Para ele, os rios transformaram-se em *estradas móveis* apenas com as descobertas auríferas nas margens do rio Coxipó e Cuiabá a partir de 1718, marco inicial daquilo que ele compreende por monção.

Sérgio Buarque de Holanda (2014; 2017) caracteriza as monções como sendo viagens fluviais periódicas de abastecimento e povoamento que ligavam Ararituaguaba (atual Porto Feliz, SP) às minas do Cuiabá. Embora reconheça que elas sejam tributárias das bandeiras, ele as distingue no que diz respeito aos seus objetivos (povoador e, sobretudo, mercantil), periodicidade (obedeciam ao regime de cheia dos rios), vias de penetração (a bacia hidrográfica do Prata), meios de locomoção (as canoas monóxilas) e ao complexo de atitudes que as condições materiais de realização dessas jornadas impunham a seus viajantes.

Holanda (2017, p. 166-167) observa uma transformação da gente de São Paulo a partir das monções. Em sua visão, a exiguidade das canoas, a ausência de espaços ilimitados que incitavam o movimento e a renúncia das vontades particulares foram responsáveis pela disciplina-ção dos ânimos tradicionalmente aventureiros dos paulistas, agora submetidos à ordem e ao método a fim de assegurar o êxito da travessia. Essa perspectiva se distancia fortemente das ideias defendidas tanto por Affonso Taunay quanto por Alfredo Ellis Júnior. Para o primeiro, os paulistas se mantiveram como sendo a mesma *raça de gi-*

gantes enquanto percorreram jornadas intermináveis pelo interior do continente (TAUNAY, 1951, tomo I, p. 11). Já para o segundo, as descobertas das minas de ouro, causa do declínio das bandeiras, junto ao surgimento das monções, foram responsáveis pela transfiguração dos “aventurosos, valentes e empreendedores” habitantes de São Paulo em “caipiras atrofiados e sedentários” (ELLIS JÚNIOR, 1934, p. 323).

Sendo Affonso Taunay um dos principais expoentes da historiografia compromissada com a recriação de um passado mítico para São Paulo, projeto com que contribuiu com uma vasta obra na qual a nobilitação do paulista é realizada por meio da exaltação daquilo que ele denominou de *Gesta Brasiliae per Paulistas* (TAUNAY, 1951, tomo II; ABUD, 1985, p. 133), conceber as monções dissociadas das bandeiras seria retirar dessa história o seu capítulo mais importante. Tal significância, na perspectiva do historiador, se assentava em duas razões: no alargamento e efetivação da posse de “nossas fronteiras pátrias” e no enobrecimento dos paulistas em decorrência dos “sacrifícios” oferecidos em prol da permanência no Cuiabá (TAUNAY, tomo II, p. 308 e 304).

3. Iconografia das monções

Relatos monçoeiros congrega em seu interior 17 ilustrações⁷, em sua maior parte reproduções de telas pertencentes ao acervo do Museu Paulista, mas também da Pinacoteca do Estado de São Paulo. São elas: *O Mapa de Céspedes* (D. Luís de Céspedes Xeria); *A Partida da Monção e seus dois estudos* (Almeida Júnior); *Pirapora, hoje cidade do Tietê, Vista de Camapuan (1826)*, *Encalhe de canoa no Tietê e Monção abicada para o repouso noturno* (Zilda Pereira); *Partida de uma Monção de Pôrto Feliz, Carga das canoas de uma monção de Pôrto Feliz e Encontro de duas monções no rio Paraguai* (Oscar Pereira da Silva); *Benção das canoas de uma monção pelo vigário de Pôrto Feliz e Pouso de monção à margem do Rio Pardo* (Aurélio Zimmermann); *O monstro de Pirataraca no Tietê e A Nau Catarineta do Tietê* (Nair Opromolla de Araújo); duas telas intituladas *Vista de Pôrto Feliz em 1826* (Sílvio Alves).

Todas foram impressas em preto e branco, ocupando integralmente o *recto* da página na qual se encontram. Dentre elas, apenas o *Mapa de Céspedes* não fora estampado em papel especial. Para Andrea Pellegram (1998, p. 11), além da mensagem criada e disseminada com uma intenção, o papel veicula informações que são determinadas por suas qualidades físicas e sensoriais. Dito isso, aspectos como a escolha por um suporte de melhor qualidade, da fixação de somente uma imagem por folha

⁷ Os títulos das obras foram citados conforme registrados em *Relatos monçoeiros* (1953) e não correspondem exatamente aos títulos das telas no Museu Paulista.

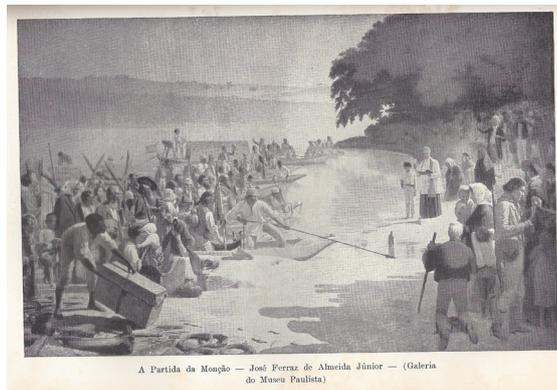
e do uso de apenas um de seus lados são indicativos da relevância das ilustrações no projeto editorial da Biblioteca Histórica Paulista.

Excetuando-se os trabalhos de Almeida Júnior, a produção e/ou reprodução desse conjunto de imagens está diretamente vinculada à gestão Affonso Taunay no Museu Paulista (1917-1945). Ao longo desse período, o diretor realizou uma série de encomendas de telas e esculturas; adquiriu novos livros, objetos de tipologias variadas, documentos textuais e iconográficos; criou um periódico e inaugurou diversas salas expositivas. De acordo com Ana Cláudia Brefe (2005), essas ações foram responsáveis pela transformação da instituição em um museu propriamente histórico e paulista, espaço no qual era oferecida ao público uma narrativa cuja tônica se assentava na construção da nação brasileira como um produto do empenho dos habitantes de São Paulo.

Segundo Fernanda Pitta (2016), *A Partida da Monção* (Imagem 12) foi pintada por Almeida Júnior com vistas à sua integração ao acervo do Museu Paulista, fato que veio a se concretizar em 1901. Essa tela, a única do pintor sobre as monções, teve como base um estudo de autoria de Cesário Motta Júnior, diretor do IHGSP, publicado em 1884, período no qual a temática das monções começou a ser explorada. Em sua análise, Pitta (2016, p. 99) assinala que em *A Partida da Monção* o artista optou por compor um painel descritivo a partir da combinação de diversas cenas, ao invés de fixar um episódio específico. Para isso, Almeida Júnior escolheu um “momento que pudesse significar e traduzir seu ‘sentido’”: a partida do porto

de Aratitaguaba (PITTA, 2016, p. 99). Antes da finalização do quadro ele produziu três outros estudos, dois dos quais se encontram reproduzidos em *Relatos monçoeiros* (Imagens 13 e 14).

Imagem 12 – *A Partida da Monção*. Almeida Júnior, 1897.



Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 13 – *A Partida da Monção* – Primeiro estudo. Almeida Júnior, s. d.



Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 14 – *A Partida da Monção* – Segundo estudo. Almeida Júnior, s. d.

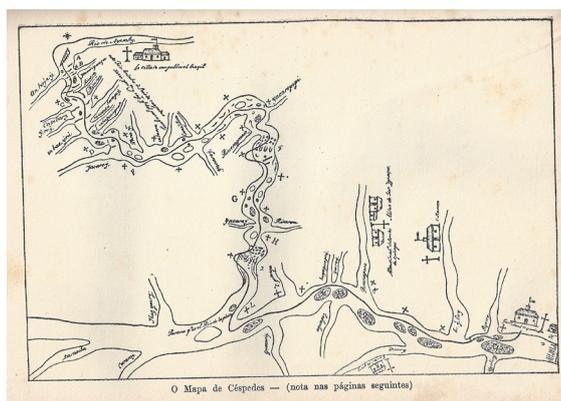


Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Em 1905, *A Partida da Monção* foi transferida para o Liceu de Artes e Ofícios visando sua incorporação ao acervo da Pinacoteca (OLIVEIRA, 2009). Seu retorno ao Museu Paulista se deu em 1929, na condição de protagonista da Sala A-9, consagrada às monções e a Almeida Júnior, inaugurada por Afonso Taunay no ano corrente. Descrita por ele como “a obra prima do mestre ituano”, sua validação como documento iconográfico das monções se dá, segundo o idealizador da exposição, pelo fato de Almeida Júnior ter nascido na região das monções, ser integrado ao ambiente onde ainda havia pouco as navegações fluviais ocorriam e por ter tido contato com seus antigos tripulantes (TAUNAY, 1943, p. 2).

O *Mapa de Céspedes* (Imagem 15) se origina da viagem da Espanha ao Paraguai empreendida por D. Luís de Céspedes Xeria em 1628, a fim de ocupar o cargo de governador para o qual fora designado por Felipe IV. O mapa manuscrito representa o trajeto fluvial percorrido no interior do continente americano de São Paulo a cidade do Guairá, sendo sua finalidade ilustrar o percurso narrado na carta em que Céspedes participava seus feitos ao soberano (CINTRA; BEIER; RABELO, 2018). Os dois testemunhos desse documento cartográfico encontram-se salvaguardados no *Archivo General de Indias*, instituição para a qual Taunay encomendou uma detalhada cópia fac-similar manuscrita no ano de 1917 (CINTRA; BEIER; RABELO, 2018).

Imagem 15 – O Mapa de Céspedes. D. Luís de Céspedes Xeria, 1628.



Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Este era apenas um dos 46 mapas datados entre os séculos XVI e XVIII selecionados por Taunay para comporem o projeto expográfico da Sala A-10, dedicada à História do Brasil e de São Paulo, inaugurada no natal de 1917. De acordo com a descrição de Jorge Cintra, José Beier e Lucas Rabelo (2018, p. 6-7), nessa exposição os mapas foram emoldurados e expostos nas paredes e encontravam-se acompanhados por documentos textuais, quadros, retratos e efígies de personagens que seu organizador julgava estarem relacionadas à “evolução da geografia de nosso continente”.

O conjunto documental produzido por Céspedes de Xeria, formado pela *Carta* e pelo *Mapa*, são classificados por Afonso Taunay (1953, p. 9) como sendo de “extraordinária valia”. Isso porque, em sua visão, ele é o “mais velho documento corográfico até hoje desvendado, do interior do Brasil” (TAUNAY, 1953, p. 9). Dito isso, da perspectiva do historiador, o *Mapa* é a fonte iconográfica mais antiga que se tem

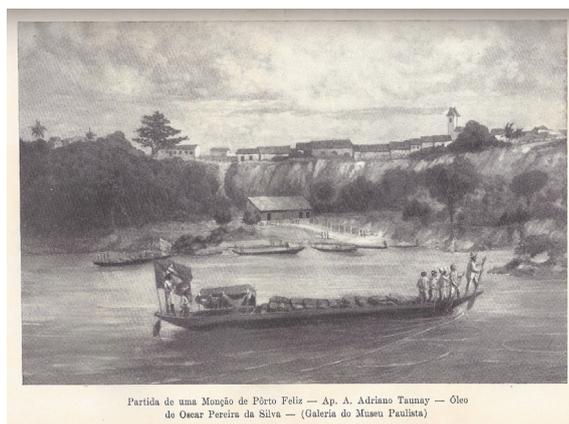
notícia concernente à navegação do Tietê. Essa ideia é reforçada pela disposição dos papéis de Céspedes em *Relatos monçoeiros*, pois eles inauguram a seção dedicada aos documentos de época. Além desse livro, sabe-se que anteriormente o Mapa compôs outras duas obras de Taunay: a *Collectanea de Mappas da Cartographia Paulista Antiga e Na era das bandeiras* (CINTRA; BEIER; RABELO, 2018, p. 11).

A maior contribuição para a iconografia monçoeira, segundo Affonso Taunay, advinha dos trabalhos de Hercule Florence. Na condição de desenhista da expedição científica do barão de Langsdorff, ao lado de Aimé-Adrien Taunay, Florence excursionou o interior do Império do Brasil entre os anos de 1825 e 1829, valendo-se, para tal, da rota das monções. Aos olhos do historiador, os desenhos de Florence eram “documentos únicos” para a história dos costumes brasileiros em São Paulo e no Mato Grosso, razão pela qual outorgou-lhe o título de “Patriarca da Iconografia Paulista” (TAUNAY, 1953, p. 39-40).

Excetuando-se *O monstro de Pirataraca no Tietê* e *A Nau Catarineta do Tietê*, as demais 11 imagens reproduzidas em *Relatos monçoeiros* são fruto das encomendas feitas por Affonso Taunay a diversos artistas em momentos distintos de sua gestão no Museu Paulista, os quais tiveram como base 10 desenhos de Hercule Florence e 1 de Aimé-Adrien Taunay. *Partida de uma monção* (a partir de Aimé-Adrien Taunay) (Imagens 16 e 17), *Carga das canoas* (Imagens 18 e 19), *Encontro de duas*

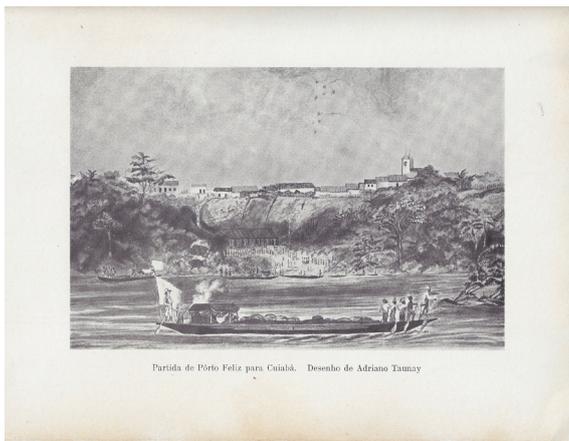
monções (Imagens 20 e 21), *Benção das canoas* (Imagens 22 e 23) e *Pouso de monção* (Imagens 24 e 25) compunham a série dedicada às monções na mostra inaugurada em 1920, na Sala A-12, dedicada à *Antiga Iconografia Paulista* (LIMA JÚNIOR, 2018, p. 3-4). De acordo com Maria Aparecida Borrego (no prelo), o discurso museográfico de Affonso Taunay expresso nessa sala promovia a associação entre monções e bandeiras, haja vista que em uma mesma parede dispunham-se tanto as telas sobrecitadas alusivas às monções quanto quadros que representavam cenas do bandeirantismo, tais como *Entrada para as minas* e *Combate de Botocudos em Mogi das Cruzes*, de Oscar Pereira da Silva, e *Casa de Antonio Raposo Tavaves*, de João Baptista da Costa.

Imagem 16 – *Partida de uma Monção de Pôrto Feliz*. Oscar Pereira da Silva, 1920.



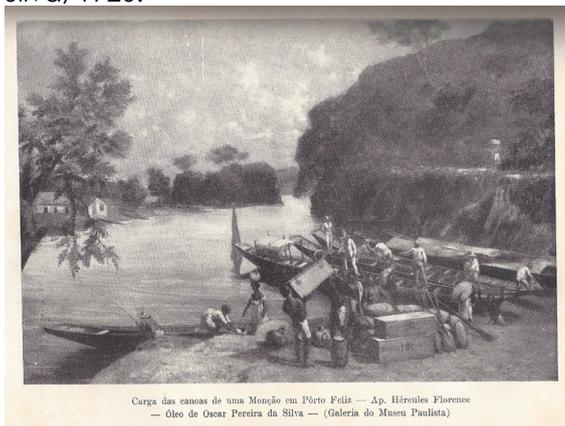
Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 17 – Partida de Pôrto Feliz para Cuiabá. Aimé Adrien-Taunay, 1826.



Fonte: FLORENCE, 1941, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 18 – Carga das canoas de uma Monção em Pôrto Feliz. Oscar Pereira da Silva, 1920.



Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 19 – Expedição mercantil de Pôrto Feliz para Cuiabá. Hercule Florence, 1826.



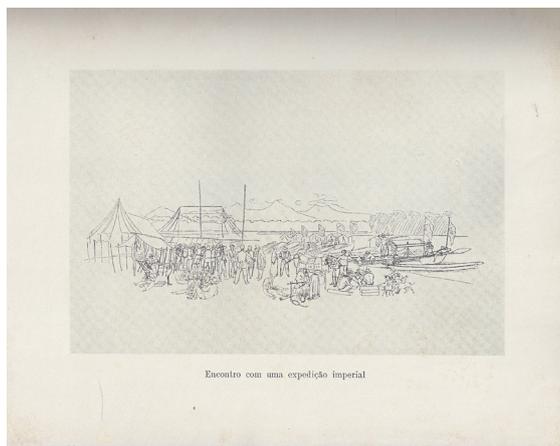
Fonte: FLORENCE, 1941, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 20 – Encontro de duas monções no rio Paraguai. Oscar Pereira da Silva, 1920.



Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 21 – Encontro com uma expedição imperial. Hercule Florence, 1826.



Fonte: FLORENCE, 1941, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 22 – Benção das canoas de uma monção pelo vigário de Pôrto Feliz. Aurélio Zimmermann, 1920.



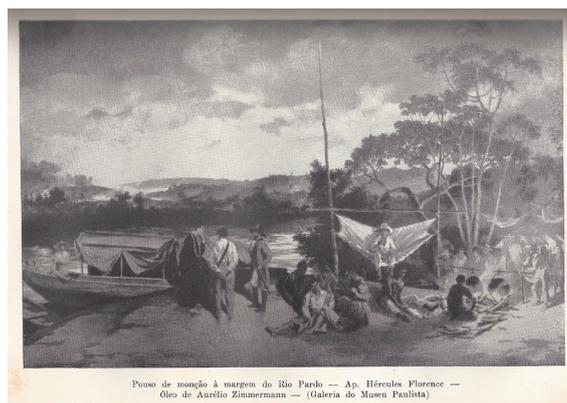
Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 23 – *Partida de uma expedição mercantil de Pôrto Feliz.* Hercule Florence, 1826.



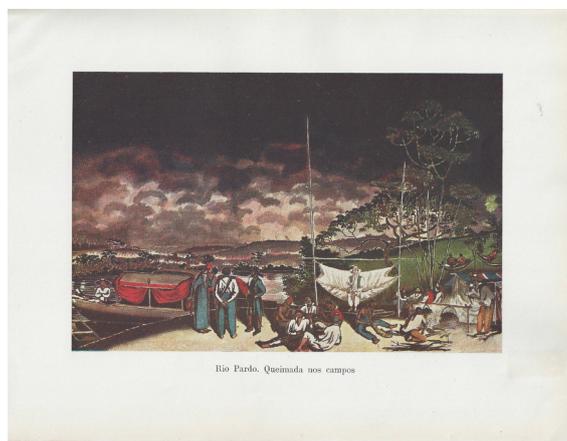
Fonte: FLORENCE, 1941, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 24 – *Pouso de monção à margem do Rio Pardo.* Aurélio Zimmermann, 1920.



Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 25 – *Rio Pardo. Queimada nos campos.* Hercule Florence, 1826.



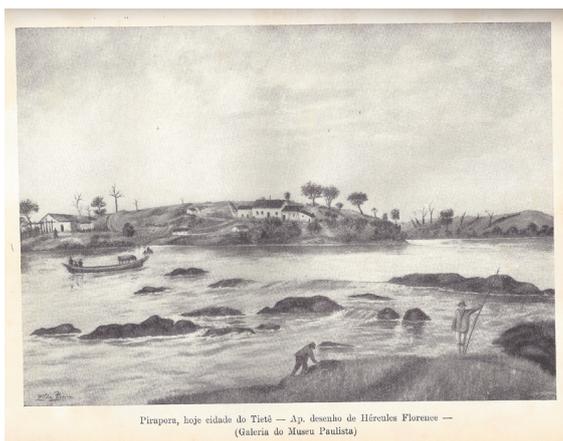
Fonte: FLORENCE, 1941, s. p. Reprodução do autor.

A aproximação entre esses dois episódios históricos também se fez presente na Sala A-9, consagrada às monções e a Almeida Júnior, aberta ao público em 1929. Organizada em função do retorno de *A Partida da Monção* para o Museu Paulista, a ela se juntaram os quadros de Pereira da Silva, Zimmermann e da Costa, vindos da Sala A-12; *Bandeirante na Selva* e *Missionário Ensinando os Índios*, de Henrique Bernadelli; *São Paulo a Caminho de Damasco* e o retrato de *Prudente José de Moraes e Barros*, de Almeida Júnior; objetos pessoais do pintor ituano, uma ânfora com água do rio Tietê, um beque de proa de um canoão supostamente utilizado nas monções, âncoras e um caldeirão de bronze (BORREGO, 2019).

Ao longo da década de 1940, motivado pela disponibilidade de 12 salas no segundo andar do Palácio do Ipiranga – esvaziadas em decorrência do desmembramento da Seção de Zoologia do Museu Paulista –, Affonso Taunay idealizou uma série de novas exposições, entre as quais a da Sala B-4, dedicada exclusivamente às monções, inaugurada em 1944. Para tanto, novas telas foram encomendadas no ano de 1943, entre elas, *Pirapora* (Imagens 26 e 27), *Vista de Camapuan* (Imagens 28 e 29), *Encalhe de canoa* (Imagens 30 e 31) e *Monção abicada* (Imagens 32 e 33), de Zilda Pereira, e dois quadros intitulados *Vista de Porto Feliz em 1826* (Imagens 34 a 37), de Sílvio Alves. Segundo Borrego (no prelo), parte dessa exposição reeditava aquelas que ocuparam as salas

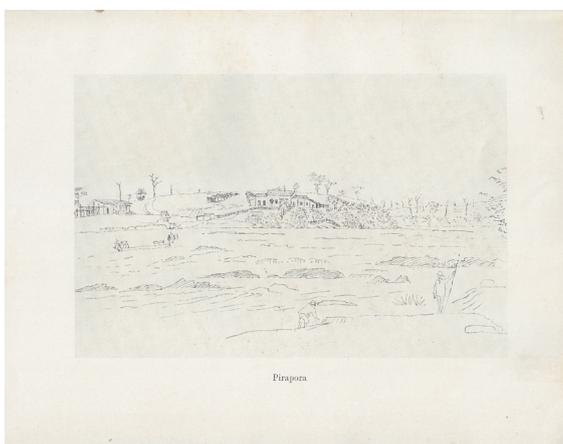
A-12 e A-19; porém, ao restringi-la às viagens fluviais, a Porto Feliz e a seus habitantes, Affonso Taunay abandonou, no discurso museográfico, a associação imediata entre bandeiras e monções.

Imagem 26 – Pirapora, hoje cidade do Tietê. Zilda Pereira, 1943.



Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 27 – Pirapora. Hercule Florence, 1826.



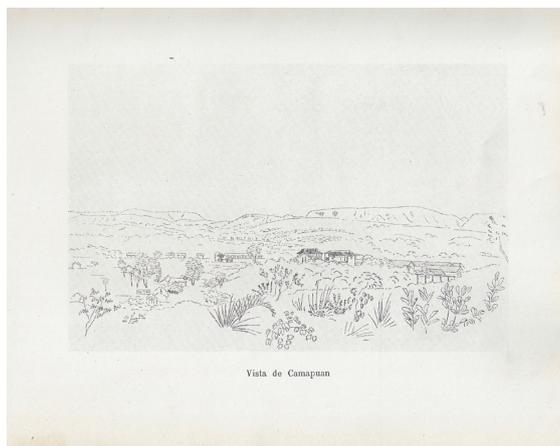
Fonte: FLORENCE, 1941, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 28 – Vista de Camapuan (1826). Zilda Pereira, 1943.



Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 29 – Vista de Camapuan. Hercule Florence, 1826.



Fonte: FLORENCE, 1941, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 30 – Encalhe de canoa no Tietê. Zilda Pereira, 1943.



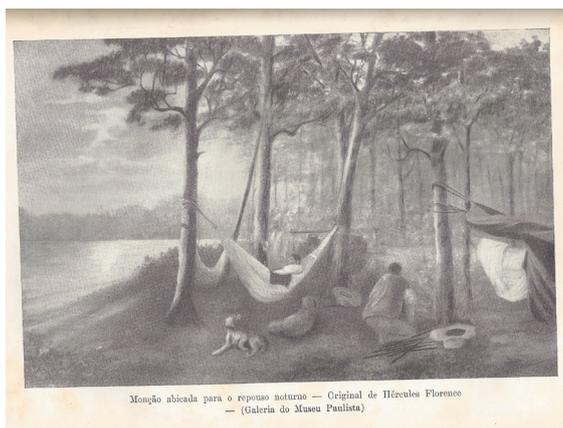
Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 31 – <<Chimbó>> e <<Perova>> encalhados. Hercule Florence, 1826.



Fonte: FLORENCE, 1941, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 32 – Monção abicada para o repouso noturno. Zilda Pereira, 1943.



Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 33 – Pousa da Represa Grande. Hercule Florence, 1826.



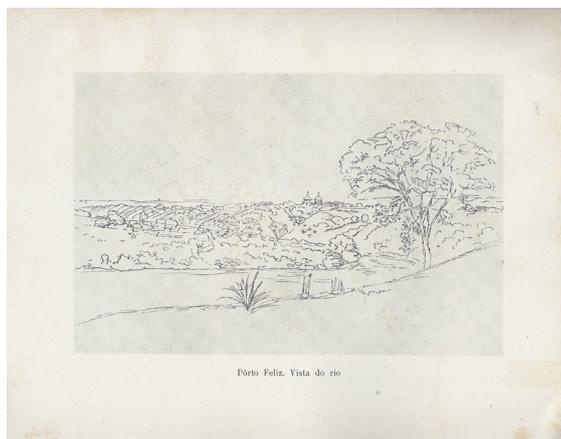
Fonte: FLORENCE, 1941, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 34 – Vista de Pôrto Feliz em 1826. Sílvio Alves, 1943.



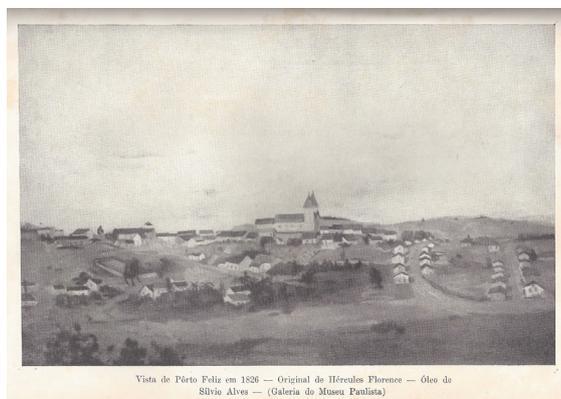
Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 35 – Pôrto Feliz. Hercule Florence, 1826.



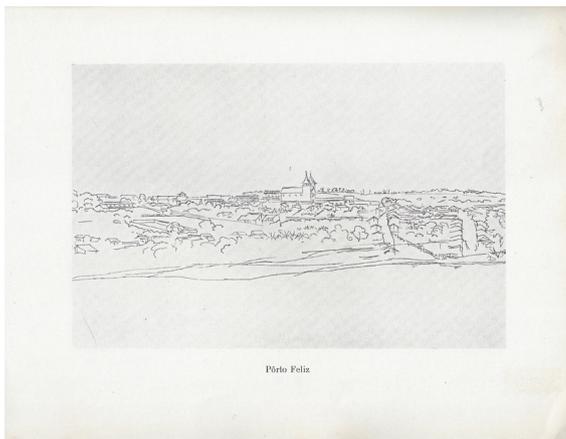
Fonte: FLORENCE, 1941, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 36 – Vista de Pôrto Feliz em 1826. Sílvio Alves, 1946.



Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 37 – *Pôrto Feliz*. Vista do rio. Hercule Florence, 1826.



Fonte: FLORENCE, 1941, s. p. Reprodução do autor.

Para Vânia Carneiro de Carvalho e Solange Ferraz de Lima (1993), a opção de Affonso Taunay por expor quadros elaborados a partir de desenhos, em detrimento dos próprios originais, justifica-se pela perspectiva segundo a qual uma imagem exibida em tela colorida e de maior proporção possuiria maior função pedagógica, posto que essas características influiriam no aumento do grau de sua compreensão pelo público. Além disso, as autoras destacam o prestígio que a pintura historicamente desfrutava nos museus, sendo a elas creditado mais facilmente “o estatuto de peça autêntica” (CARVALHO; LIMA, 1993, p. 152).

Os 11 desenhos que orientaram os trabalhos dos artistas para os quais Taunay requereu as telas concernentes às monções encontram-se na primeira edição ilustrada de *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas*, livro de autoria de Hercule Florence organizado por seus filhos Paulo e Guilherme Florence, publicado em 1941 pela Melhoramen-

tos. Ao cotejarmos os títulos atribuídos aos desenhos em *Viagem fluvial* com aqueles das telas do acervo do Museu Paulista e com suas reproduções em *Relatos monçoeiros*, foi possível constatar sua variação em cada um desses contextos (Imagem 38).

Imagem 38 – Quadro comparativo dos títulos das telas feitas a partir dos desenhos de Hercule Florence e Aimé-Adrien Taunay

<i>Viagem fluvial, 1941</i>	<i>Relatos monçoeiros, 1953</i>	<i>Acervo Museu Paulista</i>
<i>Pirapora</i>	<i>Pirapora, hoje cidade do Tietê</i> – A. desenho de Hércules Florence – (Galeria do Museu Paulista)	<i>Pirapora do Curuçá, 1826 (hoje Tietê)</i>
<i>Partida de Pôrto Feliz para Cuiabá</i>	<i>Partida de uma Monção de Porto Feliz</i> – Ap. A. Adriano Taunay – Óleo de Oscar Pereira da Silva – (Galeria do Museu Paulista)	<i>Partida de Porto Feliz</i>
<i>Vista de Camapuan</i>	<i>Vista de Camapuan (1826)</i> – Ap. um desenho de Hércules Florence	<i>Vista de Camapuã</i>
<i>Partida de uma expedição mercantil de Pôrto Feliz para Cuiabá</i>	<i>Benção das canoas de uma monção pelo vigário de Porto Feliz</i> – Óleo de Aurélio Zimmermann – Ap. Hércules Florence – (Galeria do Museu Paulista)	<i>Benção das canoas (Porto Feliz)</i>
<i>Expedição mercantil de Pôrto Feliz para Cuiabá</i>	<i>Carga das canoas de uma Monção em Pôrto Feliz</i> – Ap. Hércules Florence – Óleo de Oscar Pereira da Silva – (Galeria do Museu Paulista)	<i>Carga de canoas</i>
<i>Encontro com uma expedição imperial</i>	<i>Encontro de duas monções no rio Paraguai</i> – Desenho de Oscar Pereira da Silva, segundo original de Hércules Florence (Coleção do Museu Paulista)	<i>9º Encontro de monções no sertão</i>
<i>Rio Pardo. Queimada nos campos</i>	<i>Pouso de monção à margem do Rio Pardo</i> – Ap. Hércules Florence – Óleo de Aurélio Zimmermann – (Galeria do Museu Paulista)	<i>Pouso no sertão – Queimada, 1826</i>
<i>Vista de Pôrto Feliz</i>	<i>Vista de Pôrto Feliz em 1826</i> – Original de Hércules Florence – Óleo de Sílvio Alves – (Galeria do Museu Paulista)	<i>Vista de Porto Feliz, 1826</i>
<i><<Chimbó>> e <<Perova>> encalhados</i>	<i>Encalhe de canoa no Tietê</i> – Desenho de Hércules Florence – (Galeria do Museu Paulista)	<i>Desencalhe de canoa, 1826</i>
<i>Pôrto Feliz</i>	<i>Vista de Porto Feliz em 1826</i> – Ap. Hércules Florence – Óleo de Sílvio Alves – (Galeria do Museu Paulista)	<i>Porto Feliz, 1826</i>
<i>Pouso da Reprêsa Grande</i>	<i>Monção abicada para o repouso noturno</i> – Original de Hércules Florence – (Galeria do Museu Paulista)	<i>Pouso de monção à margem do Tietê, 1826</i>

Fonte: elaboração do autor.

A partir das comparações exibidas na figura acima, nota-se que *Partida de uma expedição mercantil de Pôrto Feliz para Cuiabá* transformou-se em *Benção das canoas de uma monção pelo vigário de Porto Feliz*; *Expedição mercantil de Pôrto Feliz para Cuiabá* tornou-se *Carga de canoas de uma monção em Porto Feliz*; *Pouso da Reprêsa Grande* converteu-se em *Monção abicada para o repouso noturno*, entre outros casos. Longe de serem aleatórias, essas mudanças revelam um empenho de Affonso Taunay em atrelar imagens produzidas em uma expedição científica do século XIX às monções que tiveram seu auge no século XVIII, valendo-se, para tal, da inserção da palavra “monção” em 6 dos 11 títulos.

Esse não é o único caso no qual Affonso Taunay projetou para o passado colonial imagens elaboradas no século XIX e ampliadas em telas no século XX. Para os quadros sobre São Paulo colonial que foram exibidos na sala dedicada à *Antiga Iconografia Paulista*, por exemplo, ele ofereceu como modelo aos pintores contratados fotografias de Militão Augusto de Azevedo, as quais registravam a cidade entre 1862 e 1887 (CARVALHO; LIMA, 1993). O mesmo pode ser dito sobre as obras relacionadas ao bandeirantismo, temática para a qual os desenhos de Debret serviram como referência (MARINS, 2020).

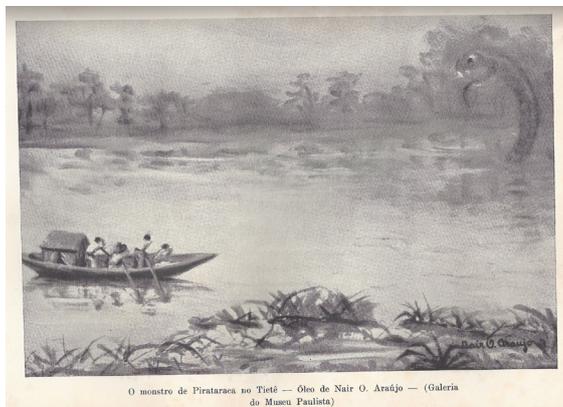
De acordo com Carvalho e Lima (1993, p. 148-149), para Affonso Taunay a historicidade de um documento orientava-se pela sua contemporaneidade ao evento

passado e pela sua plausibilidade. O historiador estabelecia uma relação de complementaridade entre o documento iconográfico e o documento textual, de modo que a autenticidade do primeiro dependia da confirmação do segundo. Na ausência de escritos que viabilizassem essa operação, ele recorria às qualidades plásticas das obras, ao caráter realista das representações. Se *A Partida da Monção* era valorizada pelo fato de Almeida Júnior ser oriundo da região das monções, a autoridade de Florence, segundo Taunay, se assentava no fato de ele ter percorrido a rota das monções, experiência a partir da qual ele compusera volumoso material textual e iconográfico.

Os dois quadros de Nair Opromolla de Araújo, *O monstro de Pirataraca no Tietê* (Imagem 39) e *A Nau Catarineta do Tietê* (Imagem 40), foram encomendados em 1943, no mesmo contexto que os trabalhos de Zilda Pereira e Sílvio Alves. Distinguem-se dos demais por serem fruto da imaginação de Affonso Taunay, orientada por fontes textuais. O tema, referido por ele como “lendária do Tietê”, vinha sendo abordado desde *À glória das monções* (1920), ocasião na qual ele associou a existência de “lendas” e “fatos sobrenaturais” à antiguidade e ilustração da navegação tieteana, perspectiva mantida nos escritos derivados desse discurso. Segundo nos informa Maria Aparecida Borrego (no prelo), o historiador não só enviou a artista por escrito uma descrição minuciosa daquilo que ele desejava obter como

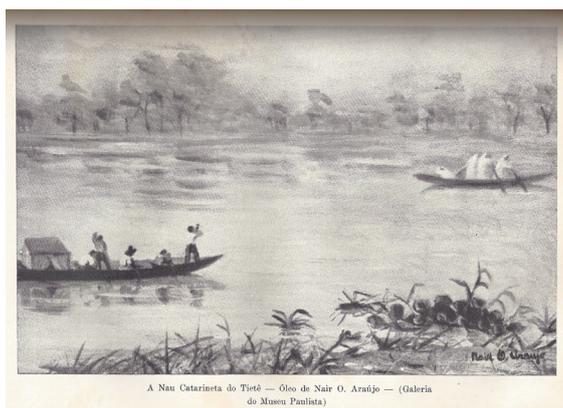
resultado, mas também esboços de próprio punho.

Imagem 39 – *O monstro de Pirataraca no Tietê*. Nair Opromolla de Araújo, 1943.



Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Imagem 40 – *A Nau Catarineta do Tietê*. Nair Opromolla de Araújo, 1943.



Fonte: TAUNAY, 1953, s. p. Reprodução do autor.

Para a concepção de *O monstro de Pirataraca no Tietê*, foram duas as fontes das quais Affonso Taunay se valeu: o *Diário de navegação* de Teotônio José Juzarte – no qual o autor narra sua jornada ao presídio do Iguatemi empreendida em 1769, publicado em *Relatos monçoeiros* – e o informe de Ulrich Schmidel, cronista de origem germânica que excursionou as possessões ibéricas na América entre

1534 e 1554 (BORREGO, no prelo). Já para *A Nau Catarineta do Tietê*, foi Juzarte, no escrito supracitado, quem parece ter oferecido a principal referência para sua idealização, pois em determinada passagem ele discorre sobre a ocasião em que um dos membros de sua expedição avistou entre a névoa que cobria o rio pela manhã um misterioso bote, o qual não foi possível localizar na busca empreendida até o início da noite (JUZARTE, 1953, p. 235). A essa descrição, juntam-se outros relatos, sobre embarcações à deriva ou desaparecidas, os quais Taunay tinha acesso na Biblioteca do Museu Paulista, tal como o poema anônimo “A nau catrineta”, recolhido por Almeida Garret, e a *Collection of Voyages and Travels*, de Awnsham Churchill (BORREGO, no prelo).

Excluindo-se *Mapa de Céspedes*, que acompanha a carta de seu autor, e *Monção abicada*, posicionada junto a um trecho no qual Juzarte disserta sobre um pouso, as telas reproduzidas no interior de *Relatos monçoeiros* não apresentam vínculo direto com as passagens dos textos entre os quais elas foram dispostas. De modo geral, elas exibem aspectos comuns às viagens fluviais, expressos difusamente pelas fontes textuais, tais como a carga das canoas, a partida, o pouso, o encalhe das embarcações e os locais de grande importância na jornada, como Porto Feliz e Camapuã.

Em *Relatos monçoeiros*, as imagens desempenham uma função meramente ilustrativa, seguindo a tendência identificada nos estudos históricos produzidos no Ocidente

(MENESES, 2003). Ainda que o capítulo XI seja dedicado à iconografia das monções, nele Taunay se dispõe a exaltar a contribuição de Hercule Florence e a descrever os desenhos do artista junto ao de Aimé-Adrien Taunay e à tela de Almeida Júnior. Não há ao longo dos estudos introdutórios do livro análises que derivem dessas fontes visuais: as reproduções encontram-se espalhadas ao longo do volume, seguidas apenas de suas respectivas legendas.

É digno de nota que as imagens selecionadas por Affonso Taunay contestam a visão sobre as monções manifesta não só pelos autores dos relatos monçoeiros, mas também por ele próprio nos capítulos de sua autoria. Na maior parte da “bibliografia monçoeira” reunida no volume, as viagens fluviais são descritas como árduas, dificultosas e turbulentas. A correnteza dos rios, as cachoeiras, os saltos e itaipavas, a perda e a falta de mantimentos, a constante ameaça indígena, os combates travados entre adventícios e grupos como os Payaguá, Guaykuru e Kayapó, o calor, os mosquitos e os pernilongos faziam-se presentes nessas travessias que chegavam a durar 5 meses. Ciente disso, nas páginas iniciais da obra Taunay mobilizou textualmente essas características a fim de nobilitar aqueles que foram capazes de contornar os reveses que marcavam a navegação do Tietê.

Com exceção de *Encalhe de canoa* e *O monstro de Pirataraca*, nas quais encontram-se representados, respectivamente, o desen-calhe de uma embarcação e o

encontro dos mareantes com a gigantesca serpente mitológica, as demais telas reproduzidas em *Relatos monçoeiros* não expressam características que aludam às adversidades que marcavam as monções. De acordo com Paulo Garcez Marins (2017, p. 177-178), ao optar pela manutenção do “caráter plácido” do episódio das monções nas telas encomendadas, já presente em *A Partida da Monção*, Taunay oferecia aos visitantes do Museu Paulista uma narrativa na qual a conquista do Oeste se dava “com um avanço sereno, em um território despovoado de opositores e de conflitos”. Ao estampá-las em *Relatos monçoeiros* esse discurso deixou de ser unísono, como consequência da tensão entre texto e imagem que permeia essa obra.

À guisa de conclusão

Relatos monçoeiros pode ser visto como o coroamento da trajetória de Affonso Taunay. Como buscamos mostrar, a obra publicada cinco anos antes de seu falecimento congrega os resultados obtidos ao longo de três décadas dedicadas ao estudo das monções. Nesse ínterim, embora tenha feito inúmeras descobertas, o historiador se manteve fiel à perspectiva sobre o assunto veiculada no discurso de inauguração do Monumento às Monções em Porto Feliz, no ano de 1920.

Para Affonso Taunay, a relevância das monções se assentava, sobretudo, naquilo que ele via

como seu produto mais louvável: a expansão das “fronteiras pátrias” através das águas do Rio Tietê, tarefa que apenas um povo capaz de “dar mais do que prometia a força humana” estava apto a realizar. A ele, as monções equivaliam à fase fluvial das bandeiras, o capítulo derradeiro dessa saga protagonizada pela “raça de gigantes” que habitava São Paulo.

São várias as consequências dessa perspectiva para o conhecimento da temática monçoeira. Primeiramente, ao recobri-la com o manto do heroísmo, omite-se a complexidade desse episódio histórico, o longo processo mediante o qual seus agentes aprenderam a penetrar o interior da América portuguesa por meio dos rios, devendo, para isso, empreender adaptações de ordem material para o seu sucesso, tal como o uso de lonas para resguardar as cargas das intempéries; a plantação de roças durante o trajeto, posto que era inviável transportar provimentos para cinco meses de viagem; a formação de comboios para a proteção das canoas contra os indígenas; a adoção de mosquiteiros durante os pousos noturnos. Tanto o deslocamento quanto o estabelecimento dos luso-brasileiros no extremo oeste dependeram substancialmente da apreensão de saberes oriundos dos nativos (HOLANDA, 2014; 2017).

Em segunda lugar, o *continuum* entre bandeiras e monções defendido por Taunay tem como efeito o ofuscamento dos atores sociais das monções. Longe de congregarem apenas os supostos “bandeirantes

navegadores”, dela tomaram parte mareantes, mamelucos, indígenas, sertanistas, africanos escravizados, comerciantes, mineradores, traficantes de escravizados, funcionários régios, militares, cientistas e artistas, os quais viajaram por razões diversas e desempenharam papéis distintos na sua realização e manutenção ao longo de um século.

Por fim, a sustentação feita por Taunay de que as monções possuíam o mesmo propósito que as bandeiras, isto é, a sujeição de indígenas ao cativeiro e a prospecção de metais e pedras preciosas, desconsidera uma de suas principais razões de existência: o trato mercantil. Com isso, ignora-se o processo de mercantilização de São Paulo observado desde fins do século XVII, o acúmulo de riquezas por seus agentes – reinóis, em sua ampla maioria –, a sedimentação de uma elite que se forma ao longo da primeira metade do século XVIII, os conflitos desse grupo com as famílias tradicionais piratinganas em torno dos postos e cargos administrativos locais e o papel desempenhado pelos descendentes desses negociantes enriquecidos na economia açucareira paulista da segunda metade do Setecentos e início do Oitocentos (BLAJ, 1998; 2002; GODOY, 2002; BORREGO, 2010).

A concepção das monções como a fase fluvial das bandeiras encontra-se expressa formal e substancialmente na edição de capa dura de *Relatos monçoeiros*. Tal constatação nos permite compreender esse livro como *produto* e *vetor* da visão mítica do passado de

São Paulo amplamente difundida na primeira metade do século XX, que atribuía aos paulistas o papel de protagonistas da construção do território da nação brasileira, da qual Affonso Taunay era um dos expoentes e com a qual José de Barros Martins comungava. Sendo parte do programa das comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo, a obra se apresentava como mais um testemunho histórico de valores como a bravura, a intrepidez e o espírito de iniciativa, atribuídos ao *ser paulista* na década de 1950, princípios aos quais o discurso ufanista local imputava a proeminência de que gozava São Paulo em relação ao restante do país.

Por sua origem (o discurso proferido por Taunay em 1920), por seu vínculo com uma efeméride (o IV Centenário) e por seu conteúdo laudatório, *Relatos monçoeiros* pode ser compreendido como um panegírico à *Gesta Brasiliae per Paulistas* apreçoada pelo seu organizador, um discurso público em louvor à “conquista do Brasil pelos brasileiros” através das águas do Rio Tietê.

Referências

ABUD, Katia Maria. A idéia de São Paulo como formador do Brasil. In: FERREIRA, Antonio Celso; LUCA, Tania Regina de; IOKOI, Zilda Gricoli (org.). *Encontros com a história: percursos históricos e historiográficos de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 71-80.

ABUD, Katia Maria. *O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições: a construção de um símbolo paulista: o bandeirante*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

BLAJ, Ilana. Agricultores e comerciantes em São Paulo nos inícios do século XVIII: o processo de sedimentação da elite paulistana. *Rev. bras. Hist*, vol. 18, n. 36, p. 281-296, 1998.

BLAJ, Ilana. *A trama das tensões: o processo de mercantilização de São Paulo colonial (1681-1721)*. São Paulo: Humanitas, 2002.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. *A teia mercantil: negócios e poderes em São Paulo colonial (1711-1765)*. São Paulo: Alameda, 2010.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. Hercule Florence, Afonso Taunay e sala das monções no Museu Paulista (1944-1947). In: NASCIMENTO, Ana Paula; BORREGO, Maria Aparecida de Menezes (orgs.). *Museu Paulista e as memórias das narrativas de Aimé-Adrien Taunay e Hercule Florence*. São Paulo: Museu Paulista, no prelo.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. Perspectivas sobre a representação das monções no Museu Paulista e no Museu Republicano de Itu. *MIDAS*, Évora, Portugal, v. 10, p. 1-21, 2019.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes; SOUZA, Jean Gomes de. Os percursos das Notícias Práticas das Minas de Cuiabá e Goiás na capitania de São Paulo (séculos XVIII-XX). *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 20, p. 266-291, jan. 2019.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional 1917-1945*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. São Paulo Antigo, uma encomenda da modernidade: as fotografias de Militão nas pinturas do Museu Paulista. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, vol. 1, n. 1. p. 147-178, 1993.

CATÁLOGO da Biblioteca Histórica Paulista. São Paulo: Livraria Martins Editora, [195-].

CINTRA, Jorge Pimentel; BEIER, José Rogério; RABELO, Lucas Montalvão. Afonso de Taunay e as duas versões do mapa de D. Luis de Céspedes Xeria (1628). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, Nova Série, vol. 26, p. 1-53, 2018.

CORREIO PAULISTANO. As festas de Porto Feliz. 28 abril 1920.

ELLIS JÚNIOR, Alfredo. *O bandeirismo paulista e o recuo do meridiano*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

FERRETTI, Danilo J. Zioni. Lições do passado bandeirante no “Curso de Bandeirologia”: Taunay e Sérgio Buarque de Holanda (1946). In: MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino (orgs.). *Anais do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto: Edufop, 2009, p. 1-11.

FLORENCE, Hercule. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, de 1825 a 1829*. São Paulo: Melhoramentos, 1941.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções e capítulos de expansão paulista*. Organização: Laura de Mello e André Sekkel Cerqueira. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

JUZARTE, Theotônio José. Diário da navegação do Rio Tietê, Rio Grande Paraná, e Rio Guatemi... In: TAUNAY, Affonso d'Escragno. *Relatos monçoeiros*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953, p. 214-273.

LIMA JÚNIOR, Carlos Rogério. Da pena ao pincel: o passado paulista (re) criado nas encomendas de Afonso Taunay a Oscar Pereira da Silva. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 26, p. 1-40, 2018.

LOFEGO, Silvio Luiz. *IV Centenário da Cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004.

MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

MARINS, Paulo César Garcez. O museu da paz: Sobre a pintura histórica no Museu Paulista durante a gestão Taunay. In: OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles (org.). *O Museu Paulista e a gestão Afonso Taunay: escrita da história e historiografia, séculos XIX e XX*. São Paulo: Museu Paulista da USP, 2017, p. 159-191.

MARINS, Paulo César Garcez. Uma personagem por sua roupa: o gibão como representação do bandeirante. *Tempo*, Niterói, vol. 26, n. 2, p. 404-429, mai./ago. 2020.

MARTINS, José de Barros. [Entrevista]. *FLAN: o jornal da semana*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 38-39, 1953.

MARTINS, José de Barros. Palavras do editor. In: CATÁLOGO da Biblioteca Histórica Paulista. São Paulo: Livraria Martins Editora, [195-]. Sem paginação.

MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a sociologia dos textos*. Tradução de Fernanda Veríssimo. São Paulo: Edusp, 2018.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, São Paulo, n. 115, p. 103-117, 1983.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 23, n. 45, p. 11-23, 2003.

O CRUZEIRO: REVISTA (RJ). 17 outubro 1953.

OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes de. Partida da Monção: modos de (re)ler o mito bandeirante. *Esboços (UFSC)*, vol. 19, p. 55-76, 2009.

PELLEGRAM, Andrea. The message in paper. In: MILLER, Daniel (ed.). *Material cultures: why some things matter*. London: University College London, 1998. p. 103- 120.

PEREIRA, Clovis. *Brazões e Bandeiras do Brasil*. São Paulo: São Paulo Editora, 1933.

PITTA, Fernanda. Pintura de costumes como pintura de história: A partida da Monção, de José Ferraz de Almeida Júnior. In: PITTA, Fernanda et. al. *Coleções em Diálogo: Museu Paulista e Pinacoteca de São Paulo*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2016, p. 93-111.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário. *Revista USP*, São Paulo, n. 13, p. 78-87, 1992.

SCHNEIDER, Otto. Velho São Paulo. *O Jornal* (RJ), 17 dezembro 1953.

SOUZA, Jean Gomes de. Um texto setecentista em três séculos: os conteúdos, as formas e os significados da Notícia Primeira Practica, de João Antonio Cabral Camello (XVIII-XX). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, vol. 28, p. 1-43, 2020.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle de. Índios! Ouro! Pedras!. São Paulo: Melhoramentos, 1926.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle et al. *Curso de Bandeirologia*. São Paulo: Departamento Estadual de Informações, 1946.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. À glória das monções. São Paulo: Casa Editora "O Livro", 1920.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Galeria do Museu Paulista: A Partida da Monção. *Jornal do Commercio* (RJ), 6 junho 1943.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. *História das bandeiras paulistas*. São Paulo: Edições Melhoramentos, [1951], 2 tomos.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. *História geral das bandeiras paulistas*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1950. Tomo XI.

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. *Relatos monçoeiros*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953.

Recebido em: 29/set/2020

Aceito em: 9/jan/2021